

O Estado de S. Paulo

18/5/1984

Todos denunciam a omissão do governo

O governador Franco Montoro foi duramente criticado ontem nos meios políticos de São Paulo e Brasília por causa dos episódios de Guariba e Bebedouro. O fogo aberto contra o governador era mais concentrado em setores do PDS e PTB, mas também integrantes do PDT e PT o criticaram. A acusação é a de que Montoro teve posição omissa diante das revoltas dos bóias-frias e lavradores.

Na Assembléia Legislativa paulista, por exemplo, o deputado Augusto Toscano, do PTB, lembrou que movimentos como o de Guariba são organizados e que o governo sempre consegue saber com antecedência de sua eclosão. "Em vez de tentar evitar que eles se efetivem, o governo Montoro omite-se e depois tenta oprimir com ação policial." Ele citou também a tensão entre os apanhadores de laranja da região de Bebedouro e, lá, ao contrário dos cortadores de cana, os lavradores dos laranjais têm raízes na região, o que pode tornar o movimento bem mais forte. "O governo não age com antecipação, os proprietários rurais não cedem, o governo não cuida de uma mediação prévia e eficaz, e, assim, os agitadores entram em ação" — concluiu Toscano.

Wadih Helou, do PDS, ex-secretário do governo Maluf, tem opinião semelhante. Para ele, depois do fato consumado, após a explosão da violência, o governo entra com a polícia. "Age depois de a porta estar arrombada." No PT, Franco Montoro também foi criticado: Paulo Diniz afirmou que "o governo é omissos", acrescentando: casos como esses não podem ser tratados por "comissões", pois exigem pronta "ação". Falou também da greve dos motoristas de ônibus, um movimento que a seu ver poderia ser evitado "com coragem e posições firmes".

Saindo-se mal

"Em Guariba, como em todos os desafios a seu governo, Franco Montoro saiu-se mal. É um incompetente que não tem condições de continuar à frente de um Estado como São Paulo. Vejo com preocupação crescente a violência cada vez maior da polícia estadual" — disse o deputado federal Adail Vettorazo (PDS-SP). Seu companheiro de bancada, Estevam Galvão, ex-prefeito de Suzano, emendou: "Sem paixão partidária, só podemos nos referir ao desgoverno e não ao governo de São Paulo. Prova disso é a desinteligência do secretariado, as seguidas substituições na equipe, até mesmo a do filho dele por não ter condições de trabalhar com o pai".

Em Brasília e na Assembléia Legislativa paulista, no entanto, Montoro foi defendido pela bancada peemedebista. Em São Paulo, talvez com receio de que os acontecimentos do Interior passem repercutir negativamente junto ao governo federal, o deputado Wagner Rossi, líder do governo, garantiu que nenhum poder da República precisa preocupar-se com a segurança de São Paulo. Em Brasília, o líder Freitas Nobre elogiou Montoro e, a exemplo de diversos integrantes do PMDB, classificou sua administração de "honesta". Ayrton Soares, do PT, concordou: a corrupção é uma exceção no governo Montoro.

Figueiredo acompanha

Ainda em Brasília, segundo o porta-voz Carlos Átila, o presidente Figueiredo tem sido informado de todos os acontecimentos de São Paulo. Os relatos lhe são passados pela agência local do SNI. Para Átila, os fatos estão na área de competência da Secretaria de Segurança Pública do Estado. Também o ministro Ibrahim Abi-Ackel acompanha a situação de São Paulo, recebendo informes da Polícia Federal. Ontem, ele afirmou que a polícia do

governo central não deverá intervir nos conflitos do Interior do Estado. Os distúrbios, em sua opinião, podem ser caracterizados como "graves", admitindo que em situações assim a polícia deve agir "com certo rigor". Ackel disse também que não foi mantido até agora nenhum contato com Franco Montoro.

(Página 11)